

Um Homem Chamado João

JUAREZ FERNANDES LEITÃO*

Todos os biógrafos de João Capistrano de Abreu o descrevem como um esquisitão, vestido com desleixo, cabelo reclamando corte e pente, a gravata fora do lugar, barba mal aparada...o retrato perfeito de um tabaréu nordestino. Quem o visse assim e não o conhecesse, jamais poderia supor que naquele sujeito mal envelopado se encontrasse uma inteligência invulgar e uma das mais abalizadas capacidades críticas do país.

O olhar daquele homem sobre a vida estava muito além da aparência. Sua mente passava por cima do relevo trivial da natureza física para buscar a profundidade das coisas e a razão filosófica das atitudes humanas, não lhe sobrando tempo para satisfazer o conceito estético dos outros, nem para obedecer ao figurinho ideal de seu tempo. Sabia, por conhecimento histórico, que os trajes, o cabelo e a postura sofrem variações no tempo e no espaço e, como não rendia loas às convenções sociais, não estava preocupado com o que pensassem a respeito de seu suposto modo rústico de ser. Não dava trela à comédia comum das aparências, aquela de que tratou Balzac com talento soberbo e ferino sarcasmo.

No entanto, essa imagem de pouco caso com a aparência haveria de marcar o viés folclórico da história de Capistrano e, não podemos negar, até lhe dá aquele certo charme de singularidade reservada aos gênios.

O poeta cearense Américo Facó fez-lhe o retrato num soneto que, hoje, está incluído em todas as biografias do nosso historiador maior:

“Olhos semicerrados de quem poupa
a luz dos próprios olhos...indolente...
Cabelos, barbas de esfiada estopa,
Para trás, para os lados, para a frente...

Uns ares filosóficos de gente
a quem a vida vai de vento em popa...
Liga mais ao passado que ao presente

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará e 2º Vice Presidente

e liga à vida como liga à roupa

Calçado sem tacão, chapéu sem aba...
Pobre, com aparência de usurário
e ao mesmo tempo de morubixaba:

Tal este é o Capistrano, o bem-amado
velho erudito, o vivo Dicionário
da História Pátria...mal encadernado!”

Bem antes do consagrado historiador, houve o menino João Capistrano, nascido a 23 de outubro de 1853, na paz bucólica do Sítio Columinjuba, entre os ventos farfalhantes do canavial e o ranger roufenho da moenda, de onde vinham as doçuras do mel e as audácias da aguardente.

João, por homenagem ao avô, João Honório de Abreu, o Patriarca de Columinjuba, que, nascido em Sobral, se instalara, em companhia de um irmão, nas aprazíveis terras maranguapenses nos princípios do século XIX, atendendo a convite de Joaquim Lopes de Abreu, o colonizador daquele território; e Capistrano, pelo costume cristão de incluir nos recém-nascidos o nome do santo do dia, encontrado num livrinho de cronologia dos canonizados que a família guardava, conhecido como “Flos Sanctorum”(Flor dos Santos). João Capistrano Honório de Abreu.

Seu pai, o major da Guarda Nacional Jerônimo Honório de Abreu, casou-se com uma sobrinha, a adolescente Antônia, filha de sua irmã Manuelina (chamada intimamente de Marcolina), que ainda não atingira os 13 anos. Capistrano, o primogênito de uma prole de 16 irmãos, quando nasceu, a menina-moça que era sua mãe completara 14 anos há apenas nove dias. Haja precocidade e endogamia naqueles rudes tempos do Ceará antigo!

Teve a infância natural dos meninos camponeses, vadeando pelas campinas, mergulhando nos açudes e riachos, tangendo o gado, montando jericos, escalando árvores, pegando tatus e tejubinas, enfrentando marimbondos, colhendo canapuns e maracujás silvestres, metendo a mão no oco dos paus à cata dos favos de mel. Um índio, igualzinho aos outros curumins do Columinjuba, arteiro e cheio de mandingas, pintando o sete e virando o cão pelo avesso.

Aos seis anos começou a freqüentar a escola do mestre Luiz Mendes, no povoado de Ladeira Grande, a três quilômetros do sítio Columinjuba. Ali se alfabetizou, mas, como escreve José Aurélio Saraiva Câmara, “as aulas da Ladeira Grande não tiveram grande duração, pois, cedo, Capistrano foi, pelos pais, mandado estudar em Fortaleza.”

Em Fortaleza, o padre Antônio Nogueira de Braveza, amigo da família, dirigia uma escola de artes e ofícios, a “Casa dos Educandos”, que ficava no mesmo local em que hoje está o Colégio da Imaculada Conceição, na Praça Figueira de Melo, e para onde foi enviado o menino de Columinjuba. Além das aulas de alfaiataria, marcenaria, sapataria e funilaria, havia as de gramática, aritmética, religião e latim, estas, as freqüentadas por Capistrano, entre 1860 e 1863.

Tinha dez anos quando foi matriculado no “Ateneu Cearense”, do professor Costa Mendes, onde foi contemporâneo de figuras que se tornariam famosas nas letras cearenses e nacionais: Domingos Olímpio, Rodolfo Teófilo, Paula Nei, Guilherme Studart e do gênio conterrâneo, o maranguapense Rocha Lima, considerado um dos maiores intelectuais de seu tempo.

Em março de 1865 ingressou no Seminário Episcopal de Fortaleza (Seminário da Praínha), onde o reitor era o padre Pedro Augusto Chevalier. Ali, teve outros colegas que também ficariam célebres, como o professor e deputado Agapito Jorge dos Santos, o cônego honorário da Capela Imperial Joaquim Antunes de Oliveira e o Patriarca de Juazeiro padre Cícero Romão Batista.

Assumindo um comportamento escolar medíocre e de total desinteresse pela carreira eclesiástica, foi Capistrano excluído do seminário em julho de 1866, segundo consta, por, entre outras danações, produzir uma pilhéria sobre a queixada imensamente desenvolvida do padre-professor de matemática. Numa carta a seu pai, o padre-reitor Pedro Chevalier alegava que o filho do major Jerônimo de Abreu estava sendo retirado da casa de formação por preguiça e vadiação.

Voltou para o sítio, onde, durante três anos, por todos os meios, tentaram envolvê-lo com os ofícios da agricultura. Não conseguiram. Capistrano só queria ler. Lia durante o dia, escamoteando as tarefas que lhe davam, e, à noite, utilizando uma lamparina de óleo de mamona, continuava a ler, apesar da miopia de que era portador genético. O aluno

relapso do seminário não tinha nada a ver com o devorador de livros de autores nacionais e estrangeiros. Tão danado era que aprendeu, sozinho, francês, inglês e até alemão para ler obras famosas no original.

Atendendo às sugestões do Padre Braveza e de outros amigos e por verificar que seu primogênito não tinha a menor aptidão para as coisas do campo, o Major Jerônimo decidiu enviar Capistrano para estudar em Recife. Deveria ali fazer os preparatórios para o Curso de Direito. Apesar de ter a oportunidade de conhecer outros futuros homens notáveis da inteligência nacional, como Tobias Barreto e Sílvio Romero, além de reencontrar os conterrâneos Tomás Pompeu Filho, Rodolfo Teófilo e Clóvis Beviláqua, em Recife continuou a ter o mesmo desinteresse pelo estudo formal, preferindo ficar lendo o tempo todo. Era uma vocação autodidata, um inimigo dos currículos oficiais e das academias.

Diante desse fato, o pai o fez retornar ao Ceará e ao cabo da enxada no Columinjuba. Era a nova tentativa de transformá-lo num agricultor.

Renato Söldon relata essa fase: “Entretanto, quando vinha do amanho dos campos, Capistrano, esfalfado, devorava à luz do candieiro ou da vela de carnaúba, os livros que tinha ao alcance das mãos. Datam daí, positivamente, seus primeiros contatos com a melhor literatura de ficção. E essa bagagem literária de ficção, levada de Fortaleza e do Recife, o capacitou para que, aos 18 anos, no bucólico ambiente de Columinjuba, escrevesse alguns ensaios no pequenino e único jornal de Maranguape – “O MARANGUAPENSE – e pronunciasse várias conferências na Escola Popular, grêmio de cultura que fundou em Fortaleza com o genial Antônio da Rocha Lima, Tristão de Araripe Júnior, Thomaz Pompeu e outros brilhantes jovens cearenses de sua luzida geração.”

No período entre 1871 e 1875 desenvolve intensa atividade cultural em Fortaleza. Há dúvidas se morou na capital, em casa de parentes, ou se, devido à proximidade, deslocava-se constantemente do sítio para as reuniões literárias de que participava com vigor.

Pois foi naquele ano de 1872 que, junto com os inquietos e talentosos companheiros Xilderico de Faria (este, haveria de, já formado em advocacia, suicidar-se em 12 de dezembro de 1876, atirando-se ao mar de um navio no trecho Fortaleza-Recife), Pompeu Filho, Rocha Lima, João Lopes Ferreira Filho e Antônio José de Melo, fundou a referida

Escola Popular de Fortaleza, uma associação literária e científica que também ficou conhecida por Academia Francesa. Nessa entidade o futuro historiador fazia conferências, como foi dito, algumas, inclusive, sendo reproduzidas nos jornais “Fraternidade” e “Cearense”. Ali, segundo Farias Brito, começou de fato a atividade mental de Capistrano.

Em 1874 o Ceará foi visitado por seu filho mais ilustre, o romancista José de Alencar. Ao tomar conhecimento da presença de Alencar na província, Capistrano obteve com ele uma entrevista. A conversa que manteve com o escritor famoso foi de grande importância para o seu futuro. O ilustre homem de letras ficou impressionado com a erudição daquele adolescente, que discorria com desenvoltura sobre história, filosofia, literatura e ciência. E a impressão foi tanta que Alencar se deslocou pessoalmente ao sítio Columinjuba para pedir ao major Jerônimo de Abreu que desistisse de querer transformar aquele talentoso rapaz num camponês e o mandasse imediatamente ao Rio de Janeiro, onde teria campo largo para desenvolver sua vocação intelectual. Comprometia-se José de Alencar a ajudar o jovem Capistrano no que fosse preciso na Capital do Império.

Honrado com a presença de figura tão ilustre em seu sítio e isso por conta do fascínio que a inteligência de seu filho despertara, o major comprometeu-se em mandar Capistrano para a corte. Logo o João, que ele julgara ser um mandrião sem futuro, estava começando a lhe dar orgulho.

Embora não fosse fácil para um pequeno proprietário rural enviar um filho para o Rio de Janeiro, Jerônimo sabia que teria de fazê-lo, pois havia dado a sua palavra e a palavra de um cidadão naqueles tempos era coisa sagrada.

E lá se foi o João Capistrano, embarcado no navio “Guará”, no dia 12 de abril de 1875. Deixava para traz os amigos (alguns dos quais encontraria depois no Rio), os familiares e uma namorada, a senhorita Ana Nunes de Melo, Naninha, com quem ainda por uns tempos se correspondeu tratando-a nas cartas de “Adorável Comadre”.

Chegou ao Rio de Janeiro no dia 25 de abril, num domingo chuvoso, e se hospedou numa pensão de estudantes. Não procurou de imediato a José de Alencar. Sua primeira preocupação foi encontrar as livrarias da cidade e, nessas, meter-se o dia inteiro. Numa delas, a Garnier, que também era editora, conseguiu emprego com modesto salário e a espinhosa missão de, além de atender à freguesia, elogiar os autores que publicava. Querendo

ser intelectualmente honesto, um dia espinafrou a baboseira de um autor medíocre e, por isso, perdeu o primeiro emprego.

Começou, então, a trabalhar com traduções e artigos para a imprensa, ganhando apenas o suficiente para pagar a hospedagem (quase sempre uma sub-locação nos fundos ou no porão de alguma residência) e comprar livros.

Também foi professor de francês e português do Colégio Aquino, onde conheceu sua futura mulher, a aluna Maria José de Castro Fonseca, filha do almirante Ignácio Fonseca.

Passou a visitar a residência de José de Alencar, àquela altura já doente do pulmão e sofrendo grandes contrariedades políticas. Embora mantivesse o prestígio literário, o mais ilustre dos cearenses queixava-se do isolamento a que os figurões da política o haviam relegado. As visitas de Capistrano, nessa hora cinzenta da vida, faziam muito bem a Alencar.

Dois anos depois, em dezembro de 1877, morria o grande romancista, abalando profundamente Capistrano. Sentindo que teria de fazer alguma coisa em memória do amigo, redigiu um longo necrológio e o foi deixar na redação do jornal *Gazeta de Notícias*. O diretor do jornal, Ferreira de Araújo, havia encomendado a Machado de Assis um texto que comentasse a vida e a obra do pranteado morto. Entretanto, ao receber as folhas manuscritas que aquele tabaréu lhe trouxera, ficou encantado. Quando Machado chegou mais tarde, deu-lhe a ler o panegírico de Capistrano e o autor de *Brás Cubas*, estupefato diante de tanto talento, rasgou imediatamente o texto que escrevera, exigindo que o diretor do jornal publicasse aquele que ele considerava como uma peça de fina literatura.

Segundo Leôncio Correia, escritor paranaense que produziu sobre nosso conterrâneo um interessante ensaio, “a morte de Alencar foi a chave que abriu a Capistrano as portas do mundo intelectual carioca.”

Embora o artigo tenha saído sem assinatura, logo todos queriam saber quem era o autor e Ferreira Araújo não teve como negar o nome.

Assim, o Curumim do Columinjuba passou a freqüentar as rodas literárias da cidade, ao lado de Fausto Barreto, Machado de Assis, Sílvio Romero, Manuel Bonfim, Artur de Azevedo, Rui Barbosa, Clóvis Beviláqua, Pandiá Calógeras, Coelho Neto, Graça Aranha e Assis Brasil.

Todos o achavam um ser singular, meio esquisito, sem preocupação com a roupa, quase sempre amassada e frouxa, nem com a barba ou o

cabelo. Era um homem distante das necessidades da aparência. Queria paletós que tivessem bolsos grandes, bolsos que coubessem livros.

Em 1879 teve um dos seus sonhos realizados: depois de aprovado em concurso, foi nomeado para o cargo de oficial da Biblioteca Pública, uma coisa comparável a pôr um macaco faminto num depósito de bananas. Estava agora em seu elemento, cercado de livros por todos os lados.

Em 1883, a morte de Joaquim Manuel de Macedo gerou uma vaga no cobiçado Colégio Pedro II, na cadeira de Corografia e História do Brasil. O Imperial Colégio era o orgulho do monarca e, por isso, ele costumava assistir às defesas de tese dos que se candidatavam às cátedras da famosa escola que tinha o seu nome.

Concorreram cinco intelectuais, entre os quais, o cearense Franklin Távora, autor do romance “O Cabeleira”. Capistrano faz o espetáculo, demonstrando um nível de conhecimento bem mais elevado do que o de seus examinadores. Sua tese sobre o Descobrimento do Brasil obtém a aprovação geral e lhe dá o primeiro lugar.

Quem assistiu ao concurso e comentou depois, assegura que a excelência da apresentação de Capistrano foi além da capacidade de contra-argumentar dos examinadores, que ali passaram recibo de absoluto despreparo, decepcionando o Imperador. Este, maneava a cabeça durante o debate, ao constatar que o nível de alguns mestres de seu colégio estava a léguas de distância daquele desengonçado cearense. Foi um banho.

Consta que, quando adentrou o vasto casarão do Pedro II e percorria os corredores à procura da sala do exame, foi interceptado por um guarda do colégio que, ao vê-lo com aquele paletó amassado e o desalinhado cabelo, julgou tratar-se de um vagabundo da rua. Capistrano tangeu-lhe a mão nos peitos e, apressado, dirigiu-se ao seu objetivo finalmente encontrado.

Obtido o sucesso no importante concurso, esteve à tardinha na redação da “Gazeta de Notícias”, onde foi calorosamente cumprimentado pelos colegas de trabalho e demais intelectuais que ali se encontravam. E quando aludiam a uma comemoração mais demorada depois do expediente, o vitorioso da cadeira de história recusou dizendo que ia estudar. “Mas, estudar o quê, Capistrano?!” - indagaram os amigos. E ele respondeu: “Estudar História do Brasil!!!”

O novo emprego não haveria de mudar o modesto modo de viver de Capistrano, eternamente des preocupado com o que, para grande parte a

humanidade, é necessidade primordial: morar bem, se apresentar com distinção indumentária, posar de rico, bonito e sabido. Sabia identificar o que era permanente do simplesmente assessorio e não se encantava pelas loas graciosas ao seu talento e à contribuição que, de fato, prestava à cultura nacional.

Convidado por Machado de Assis para ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, declarou que a única sociedade a que era obrigado a pertencer era a sociedade humana, à qual fazia sérias restrições.

Quando estava para completar setenta anos, em 1923, os amigos o resolveram prestar uma grande homenagem. O plano era publicar um livro de depoimentos sobre sua obra e sua personalidade singular. Ao tomar conhecimento da iniciativa ficou furioso e considerou aquilo uma armação para ridicularizá-lo. Imediatamente, enviou a cada um dos conspiradores um bilhete em que classificava a tal homenagem como profundamente inamistosa, assegurando ainda que não poderia continuar a manter relações de amizade com quem participasse daquela tramóia para desmoralizá-lo. Os amigos, então, tiveram que abortar a idéia.

Além da modéstia, outra característica de Capistrano era a distração. Era comum esquecer-se do que ia fazer, caso não se tratasse de trabalho intelectual. Perder as coisas ou levar, sem querer, objetos alheios era com ele mesmo. Dona Olga, esposa do ministro Francisco Sá, de quem freqüentava as recepções, costumava avisar aos demais convidados o momento em que o distraído historiador ia retirar-se. É que ele pegava o chapéu de qualquer um e saía porta a fora, usando-o como se fosse o seu. E o chapéu do Capistrano era geralmente muito amassado e surrado. Mesmo assim, certa vez ele apanhou uma cartola, daquelas bem altas, pôs na cabeça e saiu. Felizmente – como conta Leonardo Mota – o proprietário da chaminé deu, em tempo, pela falta desta e despachou um portador para alcançar o Capistrano no ponto do bonde e fazer a troca.

Era solidário, muito solidário com os conterrâneos. Numa época em que funcionavam muito bem as cartas de recomendação, Capistrano não só produzia esses instrumentos de conseguir emprego público para os cearenses no Rio de Janeiro, como encaminhava, com eficiência, junto às autoridades as que recebia.

O tenente Vítar de Paula Pessoa recebeu com tristeza sua transferência do Rio para o Mato Grosso. Sentindo-se punido sem ter cometido

falta alguma, recorreu a Capistrano para que sustasse junto ao ministro da guerra o indesejado deslocamento. Foi procurar o historiador no porão em que morava, embora sabendo que seria difícil arrancá-lo dali para ir ao ministério tratar de seu problema.

Conta o Leota que o Vicar “ali expôs a Capistrano de Abreu a abertura em que se achava. Por precaução havia levado um táxi. Metidos no carro, o interessado foi pormenorizando o caso afim de que o padrinho o pudesse discutir com o ministro amigo (Pandiá Calógeras, também grande historiador). No ministério, Capistrano embarafustou de portas adentro, como costumava, e Vicar ficou na sala de espera. Passam-se os minutos e Vicar, suando frio com o pensamento na conta do táxi...Finalmente, depois de uma demora que lhe pareceu de um século, eis que reaparece Capistrano, vindo já com o chapéu na cabeça. Tomam os dois o carro e, logo adiante, pergunta o Vicar, ansioso: ‘Então, o que disse o ministro?!’ Ai, menino! Eu me esqueci de falar no seu caso...Vamos voltar.’

Voltaram e, entrando pela segunda vez no gabinete do ministro, Capistrano foi logo desentando: ‘Calógeras, este oficial é de minha terra. Está aqui e foi transferido para o Mato Grosso, mas não pode sair do Rio. Mande fazer um ofício para eu próprio levar, agora mesmo, desmanchando essa remoção.’

A despesa do táxi foi de bom tamanho, mas quem com ela gemeu sorria, contente, na certeza de não ir para os cafundós de Cuiabá.

Foi Humberto de Campos quem divulgou n’ “O Brasil Anedótico” aquela história da Constituição Brasileira. Dois jornalistas queriam saber a sua opinião sobre o problema social no Brasil, isto em 1924, quando se fazia uma reforma constitucional. Abordado na rua, Capistrano negou-se a responder ali, avisando a hora em que poderiam encontrá-lo em casa. Os repórteres deslocaram-se até o porão onde morava o historiador somente para ouvir esta sugestão original: “Estão agora falando em reforma constitucional. Pois eu proponho que se substituam todos os capítulos da Constituição por um decreto, vazado nestes termos: “Artigo Único: Todo brasileiro é obrigado a ter vergonha! E revoguem-se as disposições em contrário.”

Emílio de Menezes, para ilustrar o pouco caso que Capistrano dava à aparência, conta que, ao mandar um terno com que andava há 12 anos para o tintureiro, recebeu de volta apenas os botões: a roupa se desmanchava ao primeiro esfregão.

Era hóspede de ilustres figuras do mundo cultural, dentre elas, Martim Francisco, neto do Patriarca da Independência. Mesmo hospedado na casa do amigo com ele mantinha turras sobre episódios da história do Brasil, Capistrano sempre atacando os Andradas para provocar seu anfitrião.

Em qualquer casa em que estivesse, ao sentar-se à mesa, puxava do bolso um embrulho de jornal onde trazia um bocado de pimentas malaguetas. Mastigava-as com cada garfada como se ignorasse o ardor que faria qualquer um queimar a boca e a garganta.

Um dia encasquetou para escrever uma gramática da língua dos índios caxinauás. Esses índios habitavam as terras do rio Ibaçu, no Alto Juruá, de onde mandou vir dois nativos para morar com ele e de algum modo lhe facilitar o difícil trabalho lingüístico. Um desses índios terminou seus dias como soldado do Corpo de Bombeiros na Capital da República. A gramática foi concluída em apenas seis meses e publicada em 1914.

Andando pela vida com aparente despreocupação, como se só lhe importasse a captura e a disseminação de novos conhecimentos, Capistrano era, na intimidade, uma homem devotado à família. Com Maria José Fonseca foi pai de cinco filhos: Honorina, Adriano, Fernando, Henrique e Matilde.

A tragédia, porém, haveria de marcar sua vida conjugal. A esposa morreu em 1891, de infecção puerperal, logo após o nascimento de Matilde. Henrique morreu de tifo, ainda criança, em 1893. Fernando, a quem chamava Abril (por ter nascido em abril de 1886), foi vitimado pela gripe espanhola em 1918, aos 38 anos.

Além de tudo isso, viu a primogênita Honorina, moça de grande talento intelectual, internar-se no convento das carmelitas e, dessa forma sair de seu convívio. Numa carta à filha Matilde comentava: “Quando Honorina nos deixou, pensei que para mim o golpe seria mais forte do que se ela tivesse sido levada pela morte. Porque da morte ninguém escapa e ela saía por sua livre vontade”

Desde a morte de Abril declarava-se mutilado. Foi ficando cada vez mais fechado, mais sorumbático, isolado no fundo de uma rede, cercado de livros por todos os lados, fumando muito e cuspidando numa lata de areia. Nunca deixou, porém, de responder a todas as cartas que recebia,

deixando um acervo precioso de correspondência com outras grandes figuras da história nacional.

Morreu de uma broncopneumonia, pobre, como sempre viveu, aos 74 anos, a 13 de agosto de 1927, no número 45 da travessa Honorina, em Botafogo, hoje Rua Capistrano de Abreu.
